

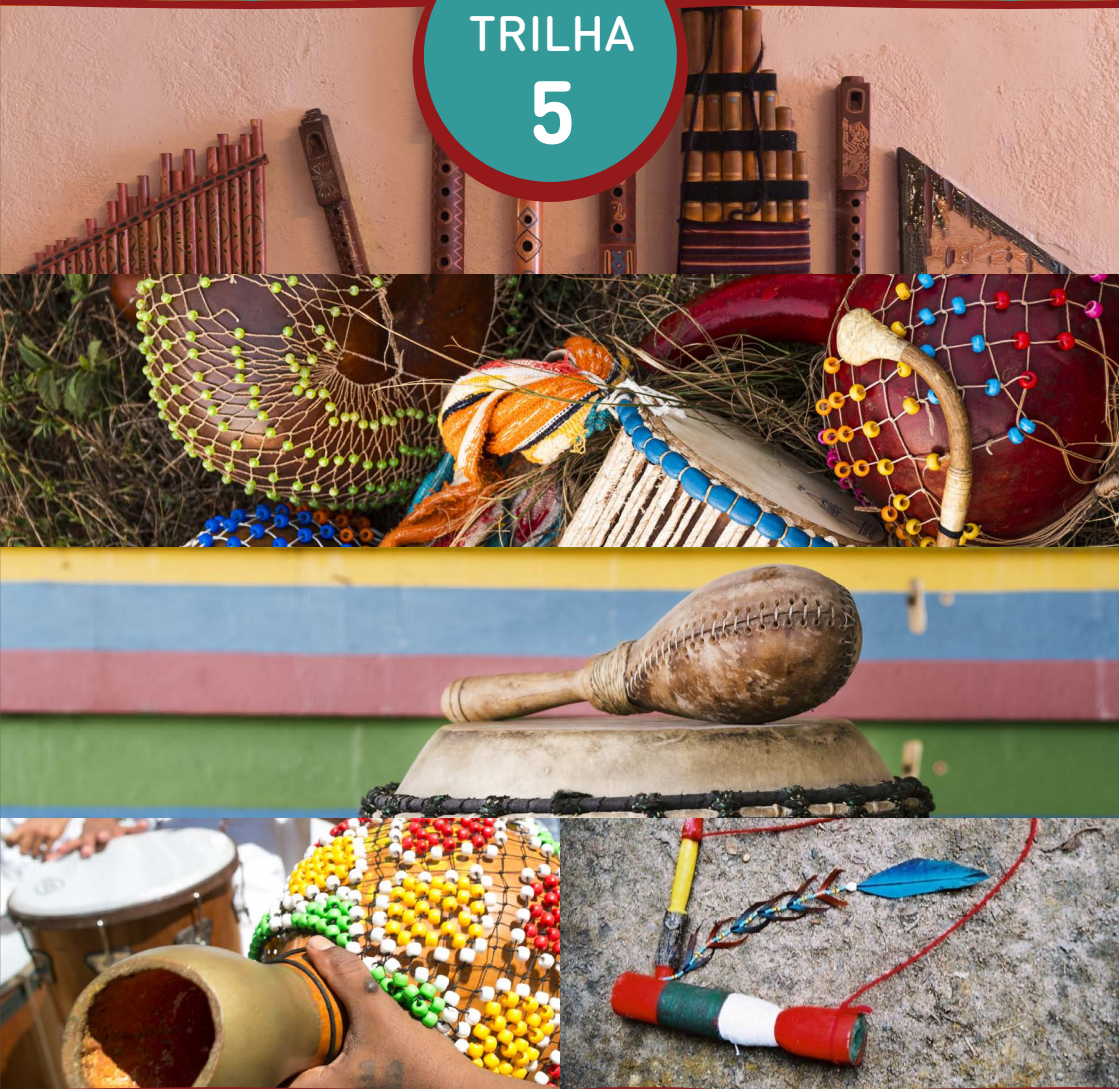
Caderno de Apoio
à Aprendizagem

AFRO-INDÍGENA BRASILEIRA

1ª SÉRIE

TRILHA

5



SECRETARIA
DA EDUCAÇÃO



EXPEDIENTE

Governo da Bahia

Rui Costa | Governador

João Leão | Vice-Governador

Jerônimo Rodrigues | Secretário da Educação

Daniilo Melo Souza | Subsecretário

Manuelita Falcão Brito | Superintendência de Políticas para a Educação Básica

Coordenação Geral

Manuelita Falcão Brito

Iara Martins Icó Sousa

Poliana Nascimento dos Reis

Coordenação de Educação do Campo/Quilombola

Poliana Nascimento dos Reis

Coordenações das Etapas

Poliana Nascimento dos Reis

Cassia Margarete Amaro dos Santos

Daniela Silva Ferreira

Equipe de Elaboração

Adenilza dos Santos Macedo / Adenilza kiriri | Coordenadora da Educação Escolar Indígena da Bahia

Admilson Silva Amaral (Katu Tupinambá)

Carlos Eduardo Carvalho de Santana

Francisco Cruz Nascimento

Jeane Borges dos Santos

Lucia Santana dos Santos da Silva

Mille Caroline Rodrigues Fernandes (Makyesi)

Rosemária Joazeiro Pinto de Sousa

Colaboradores(as)

Adriana Mendonça dos Santos

Bruno Alves Moura Ito

Cassia Margarete Amaro dos Santos

Daniela Silva Ferreira

Fernanda Pessoa do Amaral

Gilberto Cardoso Alemeida

Poliana Nascimento dos Reis

Revisão, projeto gráfico e diagramação

Marjorie Amy Yamada

Fotos da capa

Em ordem de cima para baixo: William Crochot (2015) / Wikimedia Commons / CC BY-SA 4.0; Freepik; Freepik; Liade Paula (2015).



EPÍGRAFE

Para que a discussão se amplie, é fundamental compreender que estamos em um lugar de tratamento diferente. É preciso reconhecer o racismo.

Marielle Franco

À Comunidade Escolar,

É com grande satisfação que disponibilizamos para a Rede Estadual de Ensino da Bahia os **Cadernos de Apoio à Aprendizagem**, um material pedagógico produzido a muitas mãos, destinado a apoiar educadores e estudantes no momento de retomada das atividades letivas. A sua elaboração envolveu professores(as) voluntários(as) e participação dos movimentos sociais, além de técnicos e gestores da Superintendência de Políticas para a Educação Básica – SUPED, responsável pela coordenação do trabalho. Destaca-se, em especial, a intensa interlocução entre diferentes modalidades, na perspectiva de produzir um material atento à acessibilidade e que contemple diferentes modalidades.

Os Cadernos foram concebidos como materiais de suporte para o planejamento pedagógico e para o restabelecimento das rotinas escolares. Sua elaboração partiu da análise crítica sobre quais seriam, nesse momento específico, as **aprendizagens significativas** para os estudantes, e quais as competências e habilidades a serem desenvolvidas por eles e elas ao longo desse ano letivo tão atípico. A partir daí, foram construídos os organizadores curriculares, que promovem uma aproximação entre a experiência docente em sala de aula e os objetos de conhecimentos que compõem o Documento Curricular Referencial da Bahia da Educação Infantil e Ensino Fundamental (DCRB) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).



A organização didática foi feita sob a forma de “Trilhas de Aprendizagem” associadas aos objetos de conhecimento. Essa estrutura visa a organizar e a acompanhar o processo de construção da aprendizagem pelo estudante, propondo interações e conferindo autonomia aos diferentes sujeitos. Cada trilha tem objetivos específicos e sua abordagem foi pensada especialmente para o público estudantil, apresentando uma linguagem que busca despertar a curiosidade e instigar a pesquisa, tornando o aprendizado mais eficaz, agradável, contextualizado e significativo.

Por fim, esperamos que esse material seja utilizado pelos educadores no planejamento pedagógico para o retorno às atividades letivas, como forma de conciliar os tempos e espaços de aprendizagem, e que sirva de inspiração para a produção de novas trilhas, em diferentes linguagens (áudio, vídeo, imagens, redes). Neste sentido, convidamos todos os educadores e educadoras da Rede Pública Estadual a produzirem e (re)elaborarem, a partir dos Cadernos de Apoio, suas Trilhas Autorais, abordando os contextos e necessidades territoriais e locais de cada realidade deste “país” chamado Bahia.

Abraços fraternos!

JERÔNIMO RODRIGUES

Secretário de Educação do Estado da Bahia



APRESENTAÇÃO

Aquilombar-se na contemporaneidade, em tempos de retrocessos políticos, feminicídios, ecogenocídio, homofobia, transfobia, machismo, sexismo, racismo, intolerância religiosa, entre outras mazelas sociais, é um dos desafios mais urgentes na história da humanidade.

Vivemos os tempos mais difíceis que a história já pôde contar. Todavia, buscamos no conceito epistemológico de *kilombo* uma união de forças capazes de nos manter vivos e vivas, tal como nossos(as) ancestrais fizeram ao recriar nos quilombos, nos terreiros de religiões de matrizes africanas e nas diversas etnias indígenas, espalhados por todo o território brasileiro, a compreensão de coletividade como estratégia de luta e reexistência para que hoje pudéssemos ter acesso à herança cultural, política, filosófica, religiosa e pedagógica deixada por nossos(as) antepassados(as). As Trilhas **afro-indígenas brasileiras** são uma revisão histórica da ancestralidade indígena e negra do Brasil. Visto que nosso país possui a maior diáspora africana e que há 305 etnias indígenas no Brasil e 22 na Bahia¹, precisamos revisar a nossa história de vida, a nossa ancestralidade pelas vias da diversidade, pela quebra dos referenciais brancos de uma história única, pela necessidade de fazermos a

¹ FUNAI. *O Brasil Indígena (IBGE)*. Disponível em: <<https://www.gov.br/funai/pt-br/atuacao/povos-indigenas/o-brasil-indigena-ibge-1>>.



descolonização nos currículos das escolas na educação e pela releitura dos nossos legados ancestrais que os livros didáticos não contemplam.

Esta trilha é simples, mas é a proposta de um estudo das epistemes tradicionais que quebram a verticalidade do poder, é a posição contra-hegemônica de educadoras e de educadores que fazem do respeito à cultura afro-indígena no Brasil um elo que não se quebra com os castigos impostos aos nossos antepassados, que não se quebra com a imposição de um currículo eurocêntrico, mas que resiste e transgride à história criada, imposta e reproduzida pelo colonizador europeu em apresentar povos africanos, africanos da diáspora e indígenas como selvagens, passivos, atrasados, sem alma, sem história e sem escrita. Temos uma história ancestral de luta e de resistência. Uma história silenciada e/ou distorcida. Portanto, a nossa trilha é uma revisão curricular que precisa ser vista como inclusiva no respeito a mulheres, homens e crianças pretas e indígenas que ocupam as nossas salas de aula e que, por inúmeras vezes, são invisibilizadas e anuladas pela sociedade racista, sexista, machista e cristã que nos oprimiu ao longo das nossas vidas.

Equipe de Elaboração das Trilhas/ Coordenação de Educação do Campo e Quilombola



QUADRO-SÍNTESE: 1ª série

Objetivos

- ◆ Compreender o processo histórico e a contribuição das culturas africanas e indígenas para a formação e constituição da nossa Língua Portuguesa, que é pluricêntrica e pluricultural.
- ◆ Perceber quais variações linguísticas estão presentes nos falares locais.
- ◆ Valorizar os saberes locais (linguísticos, culturais e religiosos) como forma de manutenção sociocultural das comunidades quilombolas e indígenas.
- ◆ Reconhecer as religiões de matrizes africanas e indígenas como sendo manifestações importantes para preservação dos saberes e dos valores afro-indígenas no Brasil, especificamente no estado da Bahia.

III Unidade letiva: trilha 5 – FALARES E MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS

Tema gerador: Ancestralidade linguística e religiosas dos povos indígenas e de matriz africana

PROCESSOS METODOLÓGICOS:

- ◆ Exposição oral e dialogada;
- ◆ Pesquisas de campo;
- ◆ Atividades interdisciplinares;
- ◆ Estudos dirigidos;
- ◆ Produção de vídeo sobre os movimentos sociais africanos e indígenas existentes na comunidade.

PROCEDIMENTOS AVALIATIVOS PARA A APRENDIZAGEM:

- ◆ Participação ativa do estudante no processo de ensino-aprendizagem;
- ◆ Registro no caderno de campo das atividades solicitadas na classe e extraclasse;
- ◆ Apresentação das pesquisas de campo;
- ◆ Apresentação do vídeo solicitado;
- ◆ Participação reflexiva nas rodas de conversa e nos debates relacionados aos temas estudados.



Falares e manifestações religiosas

1 PONTO DE ENCONTRO

Olá! Tudo bem, Caçula?

Como é bom encontrar você por aqui! Animado(a) para iniciar mais uma trilha? Nesta caminhada, percorreremos um caminho que te levará a perceber e a conhecer um pouco mais sobre a contribuição dos povos africanos e indígenas para a formação do povo brasileiro. Neste percurso, você também aprenderá que as manifestações linguísticas e religiosas são importantíssimas para a manutenção dos saberes dos(as) nossos(as) ancestrais. Vamos lá!

2 BOTANDO O PÉ NA ESTRADA

Vamos lá! Iniciaremos nossa conversa com uma perguntinha.

Você saberia dizer qual é o significado da palavra “dengo”?

A nossa Língua Portuguesa possui marcas lexicais e diversas palavras de origens africanas e indígenas que são utilizadas em nosso vocabulário. A contribuição dos povos tradicionais nos aspectos sociais, políticos, culturais, filosóficos e linguísticos colaboram para a nossa diversidade.

Você sabia que a palavra “dengo” é uma palavra de origem dos povos bantos, especificamente, das regiões da África Subsaariana, em específico Congo, Moçambique e Angola, e que seu significado é “amor”? Além desta palavra, nós temos diversas outras de origem africana que são utilizadas no nosso cotidiano e cujas origens muitas vezes são desconhecidas por nós. Como exemplos destas palavras, temos: *caçula*, *jongo*, *molambo*, *quimbembe*, *samba*, *tutu*, *quizília*, entre outras.

Ao falarmos sobre a contribuição dos povos tradicionais para a formação da nossa cultura, não podemos esquecer que o legado dos povos originários também foi essencial para a formação da diversidade étnica e linguística do Brasil. Você sabia que, na língua tupi, a palavra “amor” é conhecida como “ausub”? É importante observar como a nossa diversidade linguística precisa ser pesquisada e valorizada.

Para tanto, é importante acrescentarmos que, no processo de colonização, a língua Tupinambá, por ser a mais falada ao longo da costa atlântica, foi incorporada por grande parte dos colonos e dos missionários, sendo ensinada aos indígenas nas missões e reconhecida como **Língua Geral** ou **Nheengatu**. Até hoje, muitas palavras de origem Tupi fazem parte do vocabulário dos brasileiros, a exemplo de *biboca*, *pipoca*, *caatinga*, *tocaia*, *caipira*, *capenga*, *nhenhém*, *jururu*, *arapuca*, *guri*, *paçoca*, *pereba*, *xará* e inúmeros nomes de cidades, fauna e flora brasileiras.

Tendo em vista que você aprendeu um pouco sobre a contribuição da língua Tupinambá, que tal conhecer alguns diálogos dos povos tupinambás?

Preparado (a)?

— *Katu ára! Ene ko'ema!* — Bom dia!
— *katu karuene! Ene karuka!* — Boa tarde!
— *katu pytuna! Enepytuna!* — Boa noite!
— *Marã be nde reûr?* — Como você está?

Devemos ressaltar, contudo, que não só o tronco linguístico Tupi, mas diversos troncos linguísticos constituíram e constituem a língua portuguesa e as demais que falamos. O nosso português possui grande influência dos povos africanos e dos povos indígenas.

- 1 Para aprofundar o conhecimento sobre as palavras de origens africanas e indígenas utilizadas na Língua Portuguesa falada no Brasil, vamos pesquisar o significado das palavras dos exemplos apresentados? São elas:

çaçula • jongo • molambo • quimbembe • samba • tutu • quizília
biboca • pipoca • caatinga • tocaia • caipira • capenga • nhenhém
jururu • arapuca • guri • paçoca • pereba • xará

Não se esqueça de registrar o resultado da pesquisa no seu **caderno de campo**.

- 2 Que saberes familiares você identifica como saberes ancestrais afro-indígenas?
- 3 Quais palavras de origem indígena você conhece?

3 LENDO AS PAISAGENS DA TRILHA

As línguas indígenas sul-americanas influenciaram tanto o português falado no Brasil como também a língua espanhola falada nos outros países que compõem a América Latina. Existem territórios no Brasil em que muitas populações indígenas são trilíngues, ou seja, falam três línguas: a sua língua materna de seu grupo étnico, o português e o espanhol.

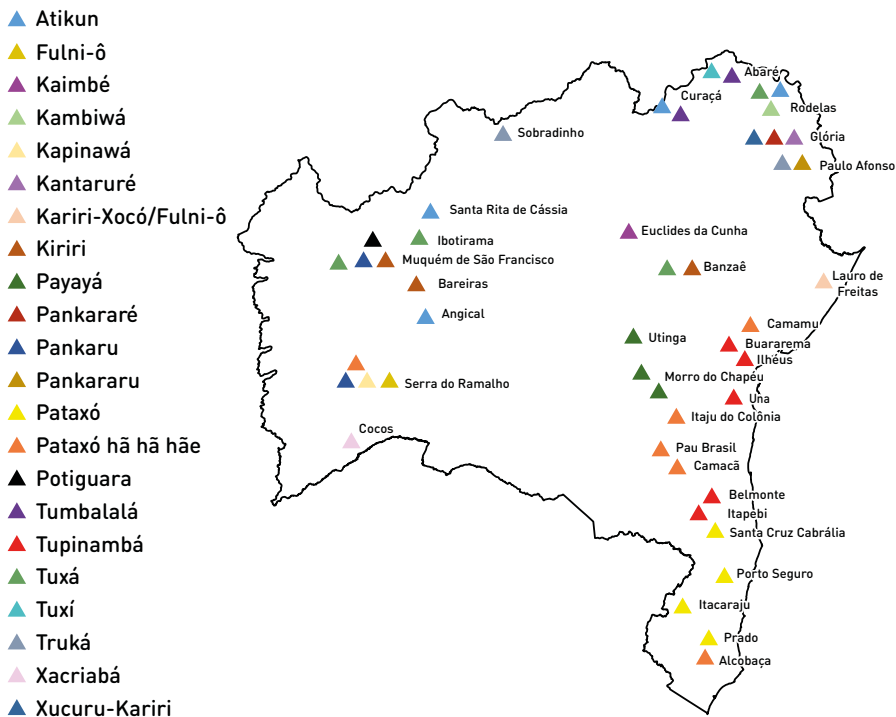
Observe a seguir as Figuras 1 e 2, que apresentam a distribuição espacial da população indígena no Brasil e, especificamente, na Bahia.



Figura 1. População indígena no território brasileiro (2010)

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010, disponível em: http://www.funai.gov.br/arquivos/conteudo/ascom/2013/img/12-Dez/encarte_censo_indigena_02%20B.pdf.

Figura 2. Povos indígenas no território da Bahia (2012)



Fonte: *PET Comunidades UFBA* (adaptado)

De posse do seu **caderno de campo**, responda:

- 1 Sobre quais etnias indígenas você já ouviu falar?
- 2 Se você for indígena, no mapa das populações indígenas da Bahia, **circule de azul** o território em que podemos encontrar a aldeia dos seus povos, e no **caderno de campo** cite dois elementos específicos que caracterizam o seu grupo étnico. Caso você não seja indígena, diga se próximo a sua comunidade existem aldeias indígenas e de quais etnias são.
- 3 Para você, por que a língua portuguesa é considerada oficial no Brasil, mesmo com as diversidades linguísticas dos povos indígenas?
- 4 Pesquise quais povos indígenas do território brasileiro são trilingües.
- 5 Você sabe qual(is) povo(s) faz(em) parte da sua ancestralidade? Indique o grau de parentesco.

4 EXPLORANDO A TRILHA

Tudo bem até aqui? Creio que você tenha considerado esta caminhada interessantíssima. Você percebeu como os saberes dos nossos ancestrais foram e são importantes para a formação da sociedade brasileira? Tenho certeza de que você quer continuar a nossa caminhada aprendendo um pouco mais sobre a importância das manifestações religiosas para a formação da sociedade. Vamos lá?

Agora, você lerá dois textos: o primeiro sobre Religiosidades Afro-indígenas; e o segundo, o relato da rezadeira dona Mauricia Garcia, moradora do Quilombo de Represa, localizado no município de Ponto Novo.

Texto 1 Religiosidades afro-indígenas

Nas religiões de matriz africana, Deus é chamado de diversas formas. A depender das influências dos grupos étnicos africanos que foram sequestrados para o Brasil, podemos chamá-lo de *Olorum* ou *Olodumarê*, por influência dos povos falantes da língua Yorubá; de *Mawu*, por influência dos povos falantes do grupo Ewé-Fon, e de *Nzambi a Mpungu*, por influência dos povos falantes das línguas Bantu.

Ao unir as particularidades ritualísticas destes povos africanos ao culto dos caboclos e dos encantados das florestas e das águas, de maneira perceptível na cosmologia dos povos originários, perceberemos uma forte conexão espiritual nos seus cultos e tradições, pois tanto os povos de origem africana quanto os povos indígenas constroem suas ligações e ancestralidade nos planos visível e invisível a partir da força da natureza. Ressaltamos que, para os povos do tronco linguístico Tupi-Guarani, o Ser Supremo que está no *ybytu* chama-se Tupã.

Assim, a população brasileira, especialmente a baiana, recebeu uma grande influência dos povos de origem africana e indígena não somente na filosofia, na cultura, na culinária, na maneira de falar, de andar, mas também na forma de se relacionar com o sagrado, com o divino. Portanto, se pensarmos em universalizar a compreensão dos rituais, os cultos, a ligação com a natureza e a força de tudo o que tem significado sagrado, trazendo como parâmetro as religiões cristãs ocidentais, cometeremos,

mais uma vez, o ecogenoetnocídio, a subalternização, a banalização e a falta de respeito à diversidade dos povos afro-indígenas na sua mais profunda compreensão.



Figura 3. Momento religioso na aldeia Tupi-nambá da Serra do Padeiro, Buerarema-BA

Fonte: [Funai / GOVBR](#)

Texto 2

Relato da rezadeira dona Maurícia

Figura 4. Foto de dona Maurícia



Fonte: Arquivo pessoal de dona Maurícia

Meu nome verdadeiro é Maurícia Garcia, mas o povo só me conhece por Merita.

Sou descendente de índio e de negro e tenho orgulho de ser quem sou; minha bisavó do lado da minha mãe era índia, foi “pega de dente de cachorro”. Meu bisavô do lado de meu pai era negro e os pais deles vieram de Cabo Verde para serem escravizados aqui nessa terra sem lei. Sou mãe de 21 filhos de um marido só, viu? E dois dos meus filhos rezam melhor que eu. Já faz quarenta anos que rezo, nunca cobrei para fazer

isso, pois Deus já me dá o suficiente para viver. Meus guias de luz são São Jorge (Ogum), Santa Barbara (Iansã) e Janaina (Iemanjá).²

Minhas correntes são *As Correntes das Águas, Corrente do Marinheiro e Corrente dos Índios*. Sou devota de Cosme e Damião, não trabalho com matança, trabalho com perfume, luz e flores. Não tenho pai nem mãe de santo mais, mas sempre estou protegida, porque meus guias me protegem.

Eu fico feliz quando posso ajudar uma pessoa com minhas rezas. Eu rezo de engasgo, de ferida na boca, espinhela caída, mas tem gente que chama de peito aberto, desmentidora, dor de cabeça, olhado, vento caído, quebranto. Rezo criança, jovem, adulto e, se foi alguém que botou, eu digo e provo.

Minha primeira reza foi em uma menina que tinha comido uma banana, ela passou mal, eu nunca tinha rezado ninguém e foram atrás de mim para rezar essa menina. Como eu nunca tinha rezado ninguém, peguei três galhos de pião roxo e fui até a casa dela. Encontrei sem falar, sem mexer e de olhos trancados (fechados). Fiz o sinal da cruz e na minha mente já tinha as palavras para dizer. A mãe queria levar para a cidade onde tinha um postinho, mas alguma coisa dizia que eu tinha que rezar senão ela não chegaria na cidade.

Comecei a rezar, e ela começou fazer boca de riso, terminei de rezar e pedi para a mãe tomar conta da filha. Voltei para casa, tomei um café e, antes do último gole, ouço a mãe da menina gritar meu nome. Quando eu saí na porta, já vejo a mãe com a menina no colo comendo umas bolachas, parecia que não tinha tido nada. Tem coisa melhor que isso? Isso me deixa feliz.

Entrevista realizada com dona Maurícia Garcia, 72 anos – Quilombo de Represa, através do “Projeto Identidade Quilombola: Nossas Raízes, Nossas Culturas”, desenvolvido em 20 de novembro de 2018 pela Escola Municipal de Nova Represa.

- 2 Quando dona Maurícia faz uma correlação entre os Santos e Orixás, ela está se referindo ao sincretismo religioso. O sincretismo religioso foi uma forma de resistência criada pelos(as) africanos(as) da diáspora no período colonial. Atualmente nos terreiros, os Babalorixás, as Yalorixás e/ou os Tatetus e as Mаметus não utilizam mais este sincretismo, pois a luta pela valorização das religiosidades afro-indígenas está garantida a partir da Lei nº 13.182 de 6 de junho de 2014 — Estatuto da Igualdade Racial e de Combate à Intolerância Religiosa, que criminaliza qualquer forma de intolerância religiosa.

Para saber mais · 1

Você já ouviu alguma vez a expressão: “Pega a dente de cachorro”? Sabe o que significa?

Esta expressão surgiu durante o período colonial e infelizmente refere-se à violência praticada pelos bandeirantes, também conhecidos como caçadores de índios ou jagunços. Durante esses sequestros, alguns bandeirantes, seguidos de seus cachorros de caça, perseguiram e prendiam os povos indígenas, amarrando-os “a laço” ou “à corda”, que são outros termos utilizados para falar da crueldade perpetrada aos corpos indígenas. O intuito destas perseguições e prisões era de escravizá-los(as) ou de assassiná-los(as) caso resistissem.

Para saber mais · 2

Quando dona Maurícia fala sobre matança, é importante desconstruir o sentido de matança como algo negativo ou demoníaco, como foi imposto pelo colonialismo. O sangue é potência de vida. Para as religiões de matrizes africanas, o sangue é o elo entre o orixá e/ou *nkisi* com o(a) iniciado(a). Também é importante salientar que quando dona Maurícia fala sobre “perfume, luz e flores”, luz, neste sentido, foi empregado para se referir as velas utilizadas. Portanto, nas religiões de matriz africana de Nação Bantu, Ketu, Jêje e outras, além da potencialização do vínculo com os orixás e Bakisi, através do sangue, utilizam-se também perfumes, flores e luz.

Para saber mais · 3

Ouçá a entrevista da Yalorixá Nice de Yemanjá sobre sua vivência no Terreiro de Nação Ketu e o seu entendimento em relação ao termo *matança*.

Clique no *link* abaixo:

🔊 <https://anchor.fm/cassia-santos78/episodes/Vivncia-no-terreiro-de-nao-Ketu-e-desconstruo-do-termo-matana--por-Yalorix-Nice-de-Yemanj-e1c9dsq/a-a75mou6>

Figura 5. Da esquerda para a direita: Luan Marques (Axogum de Ogum), Yalorixá Nice de Yemanjá e Pedro Natividade (Alabê de Oxóssi)



Foto: acervo pessoal de Mille Fernandes. Ilê Asê Omin Lessyarê, 2021.

Você sabia...

...que a *Jatropha gossypifolia* L. (Euphorbiaceae), popularmente conhecida como **pinhão-roxo**, é uma planta medicinal utilizada para rezer as pessoas? Além disso, a sua semente é dada aos animais que engolem as presas, isto é, os caninos que quando engolidos causam dor, diarreia e falta de apetite. Além do mais, o pinhão-roxo é bastante utilizado em picadas de cobra, e as pessoas também plantam em frente às suas casas para espantar mau olhado (sabedoria popular). Por fim, o pinhão-roxo é bastante utilizado pelos caçadores como um santo remédio para picadas de escorpiões e de outros animais peçonhentos.

Figura 6. Pinhão-roxo



Foto: Marco Schmidt, in Wikimedia Commons.

Desvendando a curiosidade sobre as religiosidades afro-indígenas

Texto 3 Sentidos de religiosidade africanas e afro-brasileiras

As religiosidades africanas e afro-brasileiras têm um papel fundamental tanto na leitura da realidade social como também na interpretação das razões e causas dos infortúnios a que os indivíduos estão expostos.

Mais do que buscar na religião um conforto após a morte, essas formas variadas de religiosidades estão mais preocupadas em dar respostas para os diferentes e complexos dramas humanos aqui na terra.

No culto aos Orixás, um dos seus mais importantes referentes é a relação estreita e dialógica de troca e compartilhamento entre o fiel e sua divindade. Entre os Yorubá, essa relação divindade–praticante é tão estreita que, de acordo com Karim Barber (1989), acredita-se que os “homens criam os deuses”, isto é, o poder e a existência esplendorosa dos orixás são potencializados pelos cuidados (louvação, festas, oferendas) a eles dedicados por seus seguidores. A reciprocidade entre indivíduo e divindade assim se define: a cada benefício recebido pelo cultuador de orixá há uma retribuição, sob a forma de oferendas que, por sua vez, resultará tanto no fortalecimento da crença do fiel como também na notabilidade social do orixá: o envolvimento pessoal e o íntimo do devoto como òrisà é mútuo. O òrisà possui o devoto, mas também o devoto, em sentido diferente, “possui” o òrisà.

Nas religiosidades judaico-cristãs, as crenças nos seres supremos são mediadas por autoridades religiosas que estabelecem regras (teologia) para se alcançar a felicidade eterna, portanto, a relação com o deus é antecedida pelo respeito a uma hierarquia reverencial. Nas religiosidades de origem africana, incluindo o culto aos orixás, na comunicação entre deuses e homens/mulheres [*grifo nossa*] — ainda que seja igualmente estruturada, mediante a iniciação, por autoridades religiosas —, o sujeito praticante assume um papel ativo [...], e indivíduos e divindades se fortalecem mutuamente.

Nos candomblés da Bahia, em que o processo de iniciação se fundamenta no complexo de oferenda e de reatualização dos mitos de cada divindade, a reciprocidade indivíduo/divindade é evidente. O culto de Exu nos terreiros de candomblés da Bahia, possivelmente, é a experiência de religiosidade que melhor ilustra a estreita relação entre fiéis e divindade. Em outras variantes de religiosidades de possessão aqui no Brasil, como a Mesa Branca de inspiração umbandista presente no quilombo de Rio das Rãs, ainda que não haja a prática de sacrifícios rituais para as divindades cultuadas, como ocorre nos candomblés de Salvador e do Recôncavo da Bahia, a comunicação entre os fiéis e os seus deuses, que descem à terra através dos médiuns, se dá sem maiores formalidades, através de um diálogo verbal franco e direto. Os indivíduos buscam as divindades para se aconselharem quanto ao melhor caminho a seguir em decisões cruciais relacionadas à sua vida pessoal ou familiar, como pode solicitar ajuda para superar algum infortúnio que os atormenta [...].

A crença do fiel na força e poder da divindade (Caboclo, Preto Velho, Nagô), constrói um vínculo de respeito que condiciona o crente a transformá-lo(a) numa espécie de conselheiro. Mas, o fiel pode buscar ocasionalmente ajuda de outra divindade, na hipótese dos aconselhamentos não obterem o êxito desejado pelo fiel. E, neste exemplo, é notável a similitude entre a experiência religiosa dos iorubás com a dos quilombolas de Rio das Rãs e Mangal.

Texto retirado de: SILVA, Valdélino Santos. **Rio das Rãs e Mangal**: feitiçaria e poder em territórios quilombolas do Médio São Francisco. 2010. 354f. Tese (Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos) – Programa Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos da Universidade Federal da Bahia, Salvador, p. 183–184, 2010. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=182200>. Acesso em 11 de dezembro de 2021.

Texto 4 Culto aos Caboclos na ancestralidade indígena

O Brasil é um país signatário do culto aos Caboclos. A religiosidade brasileira, desde as suas origens, apresenta espiritualidade nas mais diversas manifestações religiosas.

A chegada dos portugueses ao Brasil trouxe uma possível alteração no jeito de cultuar as divindades dos povos indígenas, principalmente pela imposição dos saberes e das religiosidades eurocêntricas, o que invisibilizava a tradição dessas culturas, dando destaque e suntuosidade a uma cultura única. Entretanto, a luta e a compreensão dos povos originários mantiveram acesa a visão estratégica do culto aos Caboclos, como encantados da floresta, não cedendo aos apelos constantes de um cristianismo opressor e cruel.

A compreensão dos indígenas sobre a sua ancestralidade foi fortalecida no encontro étnico com os negros africanos, que forjaram uma resistência religiosa por similaridade dos cultos e pela própria espiritualidade. Para Emmanuelle Kadya Tall (2012, p.79), no artigo “O papel do Caboclo no candomblé baiano”:

Somos levados a considerar a figura do caboclo no candomblé como uma figura periférica, menor e sincrética do mundo religioso afro-brasileiro. Ora, a observação atenta de inúmeras casas de candomblé na Bahia mostra que o papel do caboclo, na dinâmica do dia a dia, é bem mais importante do que parece à primeira vista.

Os quilombos e os terreiros de candomblé se constituíram nos principais focos da resistência religiosa, mesmo diante das insistentes investidas dos jesuítas e da ideia de profanação daquilo que era sagrado para indígenas e povos africanos. Os pajés e os caciques foram contundentes nos seus posicionamentos pela manutenção de uma crença genuinamente brasileira. O culto aos Orixás, Nikisses (Bakisi)³ [*grifo nosso*] e Voduns por parte dos africanos deram à religiosidade brasileira uma tônica de fortalecimento, não só na espiritualidade, mas também, no fortalecimento de uma identidade cultural.

NASCIMENTO, Francisco. (Magonleji). Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/redacoes/7338540>. Acesso em 11 de dezembro de 2021.

3 Na linguística Bantu, o singular e o plural das palavras encontram-se em seus prefixos. No vocábulo Nkisi (singular), que significa “espírito”, e Bakisi (plural), que significa “espíritos”, o prefixo “ba” é quem informa o plural da palavra.

Conhecendo um pouco mais

Você conhece o documentário *Atlântico Negro – Na Rota dos Orixás* (1998)? Ele te levará a uma viagem encantadora da nossa história que os livros didáticos não mostram. Não perca a oportunidade de se deliciar com esse encanto que é a religiosidade afro-brasileira. Assista ao filme por meio do *link* a seguir:

<https://vimeo.com/78719852>

Você conhece o documentário “Índigenas na Bahia”, de 2017? É um documentário produzido a partir do Projeto Nossa Cultura, organizado pela Secretaria de Promoção da Igualdade Racial do Governo do Estado da Bahia (SEPROMI). Veja no *link* a seguir:

<https://youtu.be/twzKfXjNGc4>

TRILHA SONORA – Qual é a melodia dessa caminhada?

- ▶ **Olorum** – <https://youtu.be/PozdpNM05L8>
- ▶ **Cordeiro de Nanã** – <https://youtu.be/IEfTNbJBVow>
- ▶ **Não Sou Índio Pra Gringo Ver** – <https://youtu.be/Sp5TMgXbxjo>
- ▶ **Awalyulu** – <https://youtu.be/f7CNm8WJRV8>

5 RESOLVENDO DESAFIOS DA TRILHA

As religiosidades afro-brasileiras e indígenas constituem-se como foco de resistência das raízes culturais negras e indígenas e sua relação com a natureza, com os Orixás, com os Caboclos e com outras entidades. Sendo assim, o poder hegemônico, historicamente, fez com que estas manifestações religiosas fossem vistas como inapropriadas e não tivessem relação com o sagrado. Infelizmente, estas religiões foram e são muitas vezes criticadas, desrespeitadas, demonizadas e discriminadas com discurso de ódio, através de preconceito e de intolerância exacerbada de algumas pessoas que, sem ter conhecimento, discriminam a partir de uma visão eurocêntrica da sociedade.

Assim como não se pode falar de uma única cultura indígena, não se pode falar de uma única religião. Cada povo indígena brasileiro tem o seu próprio sistema de crenças, com seus rituais e seus encantados. Um traço importante da religiosidade dos povos indígenas é a crença em seres encantados ou em espíritos, e esses seres variam bastante entre as etnias.

Agora é sua vez! Mostre-nos o que você aprendeu em relação às religiões estudadas. Topa?

Responda às questões no seu **caderno de campo!**

- 1 Evidencie as diferenças e as semelhanças entre a religiosidade afro-brasileira e a religiosidade indígena.
- 2 Em sua opinião, por que as religiões afrodiáspóricas são discriminadas? Aborde as causas dessa intolerância religiosa no Brasil, em específico no estado da Bahia.
- 3 O que ocorreu com a religiosidade dos povos indígenas a partir da chegada dos colonizadores? Faça um breve relato.
- 4 Faça uma pesquisa e apresente o que é cultuado nas religiões afrodiáspóricas e nas religiões indígenas.

6 A TRILHA É SUA: COLOQUE A MÃO NA MASSA

Texto 5 Indígena usa plantas, orações e cantos para curar

Quem vê o rosto sorridente e bonito da wapichana Lucila Mota de Souza não imagina que ela tem 72 anos, doze filhos (onze deles vivos) e 111 netos. Também tem bisnetos e tataranetos e já perdeu a conta de quantos são.

Figura 7. A matriarca



Foto: Thirza Perim (2016)

Todos os seus filhos nasceram na aldeia e foram concebidos com a ajuda do marido, que fez seus partos. Assim ela aprendeu a ser parteira.

Lucila conta ter realizado mais de 500 partos em sua vida, sempre utilizando seus conhecimentos indígenas de cuidados com o bebê e com a mãe dele. “Às vezes a gente tem que virar o bebê na própria barriga. Tem que manter a mãe calma”, relata.

A matriarca indígena é hoje a xamã do povo wapichana da aldeia e mestre na arte da cura com plantas e rezas. Ela conta que não sofre com gripes, dores e mal-estar que são comuns em sua idade. Para ela, sua boa saúde é por conta dos costumes indígenas que aprendeu com os familiares.

Medicina tradicional

A rotina de cura de Lucila envolve rezas e cantos, que, aliados às ervas, transformaram-na em uma curandeira respeitada pelo seu povo.

Para elaborar remédios do mato, Lucila precisa rezar e seguir uma série de rituais até estabelecer contato com as entidades protetoras. “Não são apenas as receitas, é preciso pensar no bem e pedir licença. Se eu quero usar uma folha, uma erva, eu tenho que pedir e vou rezar. Se a natureza não permitir, o remédio não funciona”, explica.

Ela é uma das fundadoras da “Casa da Medicina Tradicional”, local que orienta os índios sobre a importância do uso de plantas para cuidar da saúde nas aldeias. A casa fica na localidade Jacamizinho, comunidade indígena Malacacheta, região Serra da Lua, a aproximadamente 70 km de Boa Vista.

Geração a geração

Ela conta que na aldeia os mais velhos transmitem experiências e conhecimentos aos mais jovens. “Eu aprendi com meu avô, ele me ensinava tudo, a respeitar a natureza e a respeitar as entidades. E a não chateá-las ou fazer raiva. Às vezes a pessoa fica doente porque fez algo sem a permissão da natureza”, conta.

Segundo sua crença, esses poderes podem ser usados para curar doenças como também para provocá-las, razão pela qual é comum atribuir a origem de doenças aos feitiços. “A floresta responde às suas rezas. Se jogou lixo na natureza, você acaba ficando doente e não sabe o porquê, por isso temos que cuidar da floresta”, explica.

Para que se entenda mais de medicina indígena, é preciso mergulhar em seus mitos e rituais. A indígena acredita que as doenças são causadas pela desarmonia entre os humanos e a mata.

“Os índios não podem deixar de cultivar a sua cultura. Se eu quero comer algo, eu tiro da natureza, peço e ela dá. Quando eu era jovem, não tinha remédio, ninguém comprava no supermercado. Tinha leite, mas era de vaca. Tudo vinha da natureza, e não tinha doença”, comenta.

Para ela, a tradição de curar doenças com o uso de plantas se perdeu. “A maioria dos jovens trocou a tradição, não quer aprender, prefere comprar o remédio. Não podemos esquecer nossa cultura, nossa história”, finalizou.

Fonte: Raísa Carvalho, em 21/7/2016. **Folha Boa Vista**. Disponível em: <https://folhabv.com.br/noticia/VARIEDADES/Cultura/Indigena-usa-plantas--oracoes-e-cantos-para-curar-/18398>. Acesso em 11 de dezembro de 2021.

Agora é a sua vez!

- 1 Com base no texto acima, faça um levantamento sobre as benzedoras locais e sobre as plantas medicinais usadas nos preparos de chás e de beberagem na sua localidade, destacando qual é a função de cura de cada planta medicinal utilizada.
- 2 De posse do seu caderno de campo, pesquise sobre quem são os povos wapichana. Lembre-se de anotar em que território podemos encontrá-los(as), quantas línguas falam e de como é chamada a sua língua materna.

7 A TRILHA NA MINHA VIDA

Você gostou do processo da escrita? Como foi?

Nessa etapa da nossa trilha, o processo de escrita faz parte da sua formação, pois precisamos pensar em como podemos contribuir para a valorização dos saberes ancestrais. Nesse sentido, a produção textual torna-se uma grande aliada!

Vamos continuar a nossa caminhada?

8 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO SOCIAL

O processo de colonização foi prejudicial para os povos originários, que já viviam no país, e para os povos africanos que foram obrigados a realizar uma migração forçada. Entretanto, mesmo sendo violentados, os nossos ancestrais nunca desistiram de lutar pela liberdade e pela garantia de direitos.

Para valorizar os movimentos de luta, que tal você fazer uma pesquisa na comunidade ou no bairro em que mora sobre estes movimentos? Não se esqueça de pedir autorização aos responsáveis para publicar os resultados. Depois, basta fazer a divulgação nas redes sociais: pode ser no WhatsApp, no Facebook ou em um canal do YouTube.

9 AUTOAVALIAÇÃO

Viva! Chegamos ao final de mais uma caminhada!

Você percebeu que o nosso percurso foi repleto de muita troca de experiências? Parabéns por ter chegado ao final. Antes de finalizarmos, gostaria de te pedir para fazer uma análise dessa caminhada. Aproveite esse momento para refletir sobre todo o percurso realizado. Logo abaixo, disponibilizamos algumas questões que te ajudarão a refletir sobre o percurso da trilha!

Então, vamos lá?

- 1 Para você, quais foram as informações mais relevantes?
- 2 Qual é a sua opinião sobre a preservação dos saberes indígenas e dos saberes quilombolas para a manutenção das culturas tradicionais?
- 3 De que maneira os temas trabalhados na trilha colaboraram com a sua formação?
- 4 Pesquise sobre as línguas Karib e Tupi. Línguas utilizadas pelo grupo musical “Sonissini Mavutsini”, banda da etnia Yawalapiti, que integram em suas músicas elementos de sua etnia indígena com o reggae. Esta banda é autora da música “Awalyulu”, a qual compõe a trilha musical desta trilha.

GLOSSÁRIO

A

Aîetem: palavra de origem do tronco tupi que significa “amém”.

Alabê (Alágbè): palavra de origem da língua Yorubá. Dentro do candomblé de Nação Ketu, é o encarregado dos instrumentos musicais e dos cânticos a serem entoados. Na Nação Angola, este encarregado é chamado de Cambundu e, na Nação Jêje, é chamado de Runtó.

Anga: palavra de origem do tronco tupi que significa “alma”.

Axogum (Àsògún): palavra de origem da língua Yorubá. Dentro do candomblé de Nação Ketu, é o responsável pelas cerimônias em que há a presença de animais votivos. Geralmente é um filho de Ogum. No candomblé de Nação Angola, o responsável pelas cerimônias votivas são chamados de Tata Pokó ou Tata Quivonda; e no candomblé de Nação Jêje, chama-se Pejigã.

Ayé: palavra de origem Yorubá que significa “terra”.

B

Banto: o termo *bantu*, usado no sentido histórico e antropológico, refere-se a um complexo de sociedades étnicas africanas localizadas ao sul da linha do Equador. No sentido socio-linguístico, possui culturas diferentes, mas partilha as línguas que pertencem à mesma subfamília linguística do grupo nigero-congolês. Em sua tradução literal, *banto* (plural) significa “seres humanos” e *mntu* (singular) significa “ser humano”.

C

Cabo Verde: país independente, de língua oficial portuguesa, localizado no continente africano.

Caboclo: [religião] em certas religiões de matrizes africanas, nome dado aos espíritos dos ancestrais indígenas.

Caçula: provém de *Kasule*. Palavra de origem da língua Kikongo que significa “o(a) mais novo(a)” de uma família, ou de um grupo social, ou de uma comunidade.

Correntes: ou também Linhas, termos utilizados nas religiões de matrizes africanas para caracterizar os guias espirituais de um determinado terreiro de umbanda.

Cosmologia: ciência que estuda a origem, estrutura, evolução, composição e o tempo das coisas.



D

Dengo: provém de *Ndengu*, palavra de origem da língua Kikongo que significa amor, cuidado, carinho.

Diulu: palavra de origem Kimbundu que significa “céu”.

Deus: Tupã na língua das etnias indígenas.

Diversidade: qualidade daquilo que é diverso, variado.

E

Ecogenoetnocídio: conceito criado pelo intelectual negro colombiano Santiago Arboleta Quiñonez, que significa destruição não somente da população negra, mas dos seus espaços de saberes ancestrais como os quilombos e os terreiros de candomblé.

Eurocêntrico: *adj.* Que se centra na Europa e nos europeus para interpretar o mundo e a realidade.

G

Guias de luz: [Religião] Guias espirituais.

H

Hegemônico: que se refere à hegemonia, ao poder ou domínio que algo ou alguém exerce sobre outras coisas ou pessoas.

I

Infortúnio: acontecimento desastroso, calamitoso; em que há infelicidade; desgraça: *passou por muitos infortúnios durante a vida.*

J

Jongo: dança de roda semelhante ao samba de umbigada. Originária dos povos da região do Congo-Angola sequestrados para o Brasil. No Rio de Janeiro é conhecido como Jongo. Em Minas Gerais, São Paulo e Goiás, também é chamado como Caxambu ou Corimá.

K

Kwekatu: palavra de origem do tronco tupi que significa “obrigado”.

Katu: palavra de origem do tronco tupi que significa “bom”.

L

Linguística: estudo científico das línguas, particularmente dos fenômenos que dizem com sua evolução e desenvolvimento, sua distribuição no mundo, as relações que têm entre si, etc.



M

Mawu: forma em que os povos de origem Ewé-Fon encontraram para nomear o Ser Supremo no território do antigo império do Dahomé. Na Bahia, os povos de origem Ewé-Fon também ficaram conhecidos como povos Jêjes. É importante destacar que Mawu é representada por uma mulher.

Molambo: provém de “Mulambu”, palavra de origem da língua kimbundu. Uma espécie de roupa feita com o couro de animal. Roupas produzidas pelos(as) africanos(as) da região do Congo-Angola. No Brasil, esta palavra assumiu um sentido pejorativo, pois refere-se a roupa muito gasta, velha; pedaço de pano velho, trapo.

N

Nhenhém: palavra de origem do tronco tupi que significa “fala”, “voz”.

Nzambi a Mpungu: traduzido literalmente como “Senhor Todo Poderoso”. Forma em que os povos falantes do grupo de Línguas Bantu encontraram para referir-se ao Ser Supremo que habita o *diulu*.

O

Olorum ou Olodumarê: tradução literal: “Dono do Orun”. Forma em que os povos de origem Yorubá nomearam o Ser Supremo no território que compreende hoje os atuais países africanos Nigéria, Benin, Togo e Gana.

Orum: palavra de origem Yorubá que significa “céu”.

P

Pejorativo: que exprime sentido desagradável; que pode ofender ou tem o intuito de insultar.

Pinhão-roxo: planta medicinal.

Porangatu: palavra de origem do tronco tupi que significa “bondade”, “bondoso”.

Q

Quimbembe: provém de *kimbembe* (ki- Mbembe). Palavra de origem da língua kikongo. Adjetivo pátrio da pessoa que nasce no município do Mbembe (província do Uige/Angola). Kimbembe também tem correlação com a espiritualidade dos povos bacongos, falantes do Kikongo. No Brasil esta palavra refere-se a um casebre.

Quizila: provém de *kisila*. Palavra de origem da língua Kimbundu. Significa reação negativa por algo, por comida ou por alguém; aborrecimento, contrariedade.



R

Rapé: pó fino feito de tabaco juntamente com um composto de cascas de árvores, ervas e outras plantas. Ao ser inalado, o rapé possui efeitos curativos e ritualísticos.

Rezadeira: diz-se de mulher que faz rezas para curar doenças, afastar o mal ou prever o futuro.

S

Samba: provém de *nsamba/nsemba*. Palavra de origem da língua Kimbundu que significa rezar; animar-se. No Brasil, é uma dança de roda originária dos povos da região do Congo-Angola.

T

Tupãdi: palavra que significa “Deus Verdadeiro” na língua Kiriri.

Tupi: tronco linguístico dos povos que compreendem famílias indígenas distribuídas em parte do território brasileiro, estendendo-se também a outros países da América do Sul. No Brasil, existem 4 troncos linguísticos; um deles é o Tupi, que se rameia entre outras várias etnias existentes no Brasil. No processo de colonização, a língua Tupi-nambá, por ser a mais falada ao longo da costa atlântica, foi incorporada por grande parte dos colonos e missionários, que mais tarde ficou conhecida como *nheengatu*. Nos dias atuais, muito dos nomes são oriundos do tronco Tupi, a exemplos de nomes de cidades, ruas, árvores, animais e outros. Da mesma forma que o Tupi influenciou o português falado no Brasil, o contato entre povos faz com que suas línguas estejam em constante modificação.

Tutu: provém de *kitutu/kitute*. Palavra de origem da língua Kimbundu que significa iguaria. No Brasil, principalmente na Bahia, o tutu é uma iguaria feita com feijão cozido e farinha de mandioca ou de milho. Também conhecido como pirão de feijão.

Y

Yalorixá (ìyálórisà): palavra de origem da língua Yorubá. Dentro do candomblé de Nação Ketu, é a autoridade máxima do Candomblé. Seu correspondente masculino é o Babalorixá (Bàbálórisà). Na Nação Angola, a autoridade máxima feminina chama-se *Mametu ia Nkisi*, seu correspondente masculino é o *Tatetu ia Nkisi*; já na Nação Jêje, o sacerdote ou a sacerdotisa recebe título conforme seu *vodun* (santo), podendo ser chamado de Doné (sacerdotisa), Doté (sacerdote), Mejitó (pai ou mãe), Nochê (sacerdotisa), Gaiacú (sacerdotisa).

Ybytu: palavra de origem do tronco Tupi-Guarani que significa “céu”.

Yorubá: (iorubá) Tronco linguístico falado pelos povos oriundos do território do Império Oyo (atual Nigéria) e do Reino de Ketu (atual Benim). Na Bahia, estes povos também ficaram conhecidos como povos nagôs.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, Y. P. de. **Falares africanos na Bahia**: um vocabulário Afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2001.

Dicio. Disponível em: <https://www.dicio.com.br>. Acesso em: 4 nov. 2021.

Documento curricular referencial da Bahia etapa do Ensino Médio. 1ª versão. Secretaria da Educação do Estado da Bahia, 2021, p.692.

FERNANDES, M. C. R. **De Angola à Nilo Peçanha**: traços da trajetória histórica e da resistência cultural dos povos Kongo/Angola na região do Baixo-Sul. 2020. 260f. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) – Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2020.

FREIRE, J. R. B. A língua que somos. **Taquiprati**, 2013. Disponível em: <http://www.taquiprati.com.br/cronica/1047-a-lingua-que-somos>. Acesso em: 4 nov. 2021.

QUIÑONEZ, S. A. **Defensa Ambiental, Derechos Humanos y ecogenocidio afrocolombiano**. Pesquisa em Educação Ambiental, v. 13, n. 1, p. 10–27, 2018b. Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/pesquisa/article/view/13480>. Acesso em: 4 nov. 2021.

TALL, E. K. O papel do caboclo no candomblé baiano. In: CARVALHO, MR., and CARVALHO, AM., org. **Índios e caboclos**: a história recontada [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 79-93. Disponível em: <<https://books.scielo.org/id/mv4m8/pdf/carvalho-9788523212087-04.pdf>>. Acesso em: 11 de dezembro de 2021.

